



Depoimento

DE MÁRIO JORGE

“A sensação foi de pânico. Não se sabia o que tinha acontecido”

■ Eram 9h50 quando o barulho ensurdecedor, que lembrava o de um avião supersônico, ecoou no céu do Boqueirão. Saí imediatamente na janela da área de serviço, quando observei um clarão que se seguiu a poucos metros. Milésimos de segundo depois, um estrondo fez o prédio estremecer. A sensação, por um momento, foi de pânico, até porque não se sabia o que exatamente ocorria.

Percebi que se tratava de uma aeronave, que caiu nos fundos da casa número 113 da Rua Alexandre Herculano. E, novamente, o medo. Medo de que fosse um avião de grande porte, tais o barulho e a instabilidade provocados.

Desci em busca de informações. De pronto, a rua ficou lotada de pessoas, moradores em sua maioria, aturdidos e incrédulos. Nos fundos da moradia, destruição, chamas e muita fumaça. Outras residências também foram afetadas com o impacto, algumas seriamente. A preocupação era com vítimas, passageiros da aeronave, os próprios residentes e alunos de uma academia de ginástica que fica ao lado do local da queda.

A Polícia Militar chegou primeiro para abrir caminho às várias viaturas do Corpo de Bombeiros e do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência (Samu) e entrou na área da explosão. No prédio ao fundo, um enorme buraco e chamas. Nesse momento, ouvi-se mais uma explosão, provavelmente de um botijão de gás.

Populares se juntaram aos policiais na tentativa de auxiliar nas buscas, mas a aglomeração ampliava a já traumática situação. A rua foi interditada, e as pessoas, ainda atônitas, tentavam entender o que havia ocorrido. Os telefones de vizinhos não paravam de tocar. Parentes, amigos e conhecidos queriam checar se estava tudo bem.

Nos prédios próximos, o rastro da explosão: janelas quebradas, pedras, telhas, vidros. Pelo resto do dia, a rotina desse trecho da Cidade foi quebrada. Mais tarde, a do País: lá estavam Eduardo Campos, candidato a presidente da República, assessores e o piloto.

A averiguar

“Será preciso uma análise profunda do episódio e, em particular, sobre o uso do espaço aéreo na região, agora recheada de prédios gigantescos”

“Há segurança? Rotas devidamente monitoradas? Restrições à altitude de voos? Exigimos resposta”

Mário Jorge,
jornalista



Este acidente inédito em Santos, até por ter atingido uma área residencial e densamente povoada, será, evidentemente, alvo de uma profunda investigação. Sem conhecimento de causa, mas com direito de opinar por ter vivido o drama ao meu lado, entendo que será preciso uma análise mais do que profunda sobre o episódio e, particularmente, sobre o uso do espaço aéreo na região, agora recheada de prédios gigantescos.

Há segurança? As rotas são devidamente monitoradas? Há restrições à altitude de voos? Nós, moradores, e, mais ainda, uma população inteira queremos respostas.

MÁRIO JORGE É EDITOR
DE PRIMEIRA PÁGINA DE A TRIBUNA

LUIGI BONGIOVANNI



Vidros quebrados em janelas, efeito do acidente aéreo no Boqueirão

O acidente e o avião destruído

Aeronave

Cessna 560XL

Fabricante	Cessna Aircraft
Modelo	Citation Excell XLS+
Prefixo	PR-AFA
Capacidade	2 pilotos e 9 passageiros, mais assento para o banheiro
Velocidade de voo	800 km/h
Autonomia de voo	5h30



Rota do acidente

1 O avião saiu do Aeroporto Santos Dumont, no Rio de Janeiro, com destino à Base Aérea de Santos, em Guarujá



2 A queda aconteceu por volta das 9h50, no Boqueirão, em Santos



Segundo informações da Somar Meteorologia, no momento do acidente que matou Eduardo Campos, a chuva era moderada e a visibilidade prejudicada. O tempo estava encoberto. "Eram nuvens que provocam chuva e atrapalham a visão", explica o meteorologista Celso Oliveira

Na sequência, não houve mais comunicação com a Base Aérea. O acidente ocorreu com condições desfavoráveis, devido à névoa úmida e ventos na região. Após esse procedimento, ocorreu a queda da aeronave na Rua Vahia de

